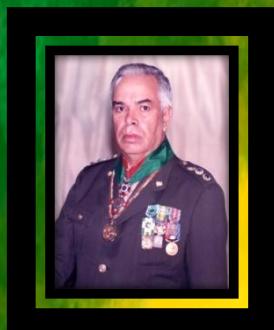


O CENTENÁRIO DE REVOLUÇÃO DE 1924 EM 5 DE JULHO DE 2024 E O TENENTISMO



Veterano Cel Eng e EM Cláudio Moreira Bento (*)



AHIMTBs-Resende, RJ, DF, RS e SP Sorocaba

LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen C.S. Renê com as cores da bandeira do Brasil
ao fundo, feita sob a orientação do autor.

SUMÁRIO

As décadas de 20 e 30 do século XX no Brasil foram marcadas por revoluções p.3

Fases da Revolução de 1924 p.4

Líderes da Revolução de 1924 p.5

Atuação do Major Miguel Costa da Polícia Militar de São Paulo

Apoios recebidos pelos revolucionários p.5

Revolucionários deixam São Paulo p.6

O uso de Aviação pelos revolucionários p.6

Os revolucionários usam batalhões mercenários de imigrantes estrangeiros p.6

A morte em ação do Capitão Joaquim Távora p.6

A partida em trem de cerca de 3,000 revolucionários p.7

Atuação do Cel gaúcho João Francisco Pereira de Souza p.7

Estoura no Rio Grande do Sul uma Revolução p.7

O comandante da 3ª Região Militar, organiza a reação p.7

O Cerco de Catanduvas p.8

O major Miguel Costa procura erguer os ânimos revolucionários, com o seu exemplo p.8

As duas colunas fundiram se na Coluna Miguel Costa Prestes p.9

A Coluna Miguel Costa Prestes percorreu 4.000 léguas em 2 anos p.10

A Revolução de 1924 no Rio Grande do Sul p.10

O Tenentismo uma versão p.10

Unidade do Exército envolvidas na Revolução p.11

A REVOLTA NA AMAZÔNIA p.17

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS p.19

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM SETEMBRO

DE 2023 p.20

Curriculum autora da capa p.22

NOTA IMPORTANTE p. 24

As décadas de 20 e 30 do século XX no Brasil foram marcadas por revoluções

As décadas de 20 e 30 do século XX no Brasil foram marcadas por revoluções: a Revolução de 1922, a Revolução de 1924-1926, a Revolução de 1930, a Revolução de 1932, a Intentona Comunista de 1935, a Decretação do Estado Novo em 1937 e a tentativa de Golpe Integralista em 1938.

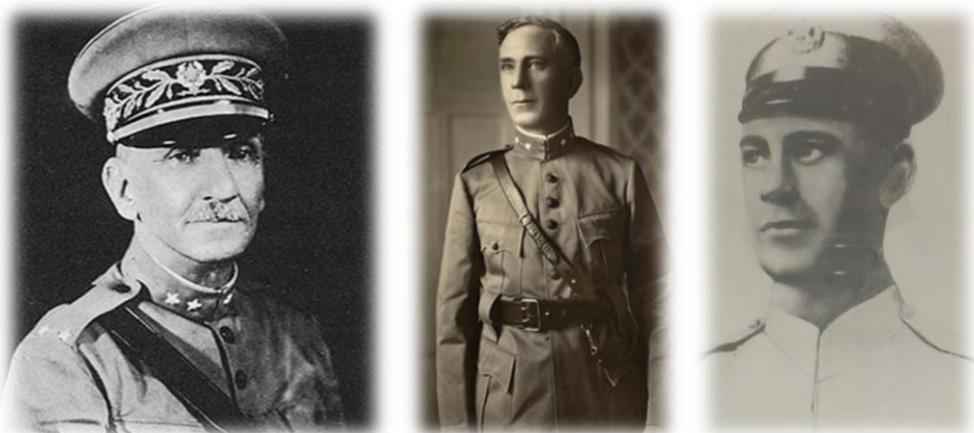
A Revolução 1924 que estourou em 5 de julho de 1924 em São Paulo capital desdobrou-se em São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Amazônia.

A Revolução de 1924 foi uma reação tenentista, contra o governo de Arthur Bernardes, pelas medidas que tomou contra os tenentes que participaram da Revolução de 1922 no Rio de Janeiro. Em São Paulo ela desenvolveu-se em 2 fases:

Fases da Revolução de 1924

Na 1^a fase, os revolucionários ocuparam a cidade de São Paulo e algumas cidades do interior.

Na 2^a fase, uniram-se revoltosos paulistas e gaúchos para formarem a Coluna Miguel Costa Prestes (e não a Coluna Prestes). Coluna Miguel Costa Prestes, que por 2 anos percorreu o Brasil até internar-se na Bolívia ao tomar posse em 1927 o Presidente Washington Luiz.



(Da esquerda para à direita): general reformado Isidoro Dias Lopes, major da Força Pública de São Paulo Miguel Costa e o capitão do Exército Joaquim Távora. Líderes do levante de 5 de Julho de 1924 em São Paulo, Capital.

O presidente Arthur Bernardes desenvolveu sistema policial rigoroso, sistema que irritou a oposição. O tenentismo foi um movimento político e militar realizado por jovens oficiais brasileiros durante o período da Primeira República. Esse corpo de oficiais era composto em geral por tenentes e capitães que estavam insatisfeitos com o sistema político brasileiro, sobretudo com as práticas do jogo político imposto pelas oligarquias.

Líderes da Revolução de 1924

Lideraram a oposição o general Reformado Isidoro Dias Lopes, gaúcho filho de D. Pedrito-RS e o capitão Joaquim Távora, irmão de Juarez Távora, revolucionário de 1922.

Eles conseguiram mobilizar oficiais do Exército do centro e sul do Brasil e os articularam em São Paulo, Distrito Federal, Paraná e Rio Grande

do Sul, contando com a adesão do major Miguel Costa da Força Pública do Estado de São Paulo (atual PMESP) e de alguns generais reformados.

O levante sofreu alguns adiamentos e foi fixada em 5 de julho de 1924 pelo major Miguel Costa e o capitão Joaquim Távora, para relembrar a Revolução de 1922, deflagrada exatos dois anos antes.

O general Abílio Noronha, comandante da 2^a RM dirigiu-se ao local onde estavam as tropas do Exército, e ao ordenar-lhes que voltassem para os quartéis, recebeu ordem de prisão do capitão Joaquim Távora, acompanhado do gaúcho coronel João Francisco Pereira de Souza, apelidado de a “Hiena do Caty”, por Rui Barbosa.

E o general Abílio Noronha foi recolhido preso ao Quartel da Luz, até a Revolução abandonar a capital.

O capitão Juarez Távora, irmão do capitão Joaquim Távora, prendeu em sua residência o comandante da Força Pública de São Paulo da qual o Major Miguel Costa havia conseguido o apoio quase total.

Os revolucionários assumiram o controle dos Correios e Telégrafos, a Estação da Luz, a Estação Sorocabana e o Jardim Público transformou-se em campo de concentração de prisioneiros legalistas.

O Governo Estadual alertado, e com a Guarda do Palácio com 27 homens, resistiu e rechaçou os ataques revolucionários.

O 4º Batalhão da Força Pública impediu que os revoltosos ocupassem a Avenida Tiradentes e ruas vizinhas e prenderam os irmãos Joaquim e Juarez Távora, a aviadora Anésia Pinheiro Machado e outros.



Capitão Juarez Távora

Atuação do Major Miguel Costa da Polícia Militar de São Paulo

Miguel Costa foi avisado que cabeças importantes da Revolução foram detidos e, em 9 de julho, organizou um grupo de combatentes e atacou o quartel do 4º Batalhão da Força Pública pela retaguarda, obrigando a render-se e recuperou os importantes revolucionários presos.

Os legalistas reagiram. Retornaram os Correios e Telégrafos, o Q.G. da 2^a RM, a Usina da Light, o Centro da Capital de São Paulo, as Secretarias do Estado e o Palácio do Governo foi reforçado com 140 homens do 4º Batalhão.

Nos dias 6 e 7, o governo recebeu a adesão do 2º BC, de uma coluna do Encouraçado Minas Gerais, vindos de Santos e de contingentes do Forte Itaipu e do Tiro Naval de Santos. E passou a contar com apoio de Artilharia para enfrentar a Artilharia revoltosa

Apoios recebidos pelos revolucionários

Os revolucionários receberam o apoio do 2º Grupo de Artilharia de Jundiaí. 200 homens e Bateria de 75mm e, da maior parte das guarnições de Quintaúna, de Lorena, e Caçapava, 1.100 homens e metralhadoras.

O Governo Federal reforçou Mogi das Cruzes, local onde o general Eduardo Sócrates estabeleceu o Q.G. legalista e onde recebeu reforço das polícias de vários estados.

Revolucionários deixam São Paulo

Revolucionários deixam São Paulo. Os generais que lideraram a reação legal aconselharam o Presidente de São Paulo Carlos de Campos a deixar seu palácio e retirar-se para Guaiaúma, onde seguiram as tropas legais, entregando a Capital São Paulo à cerca de 2.000 revolucionários.

Na manhã de 9 de Julho, o major Miguel Costa escreveu ao Presidente do Estado assumindo a responsabilidade pela revolta da Força Pública, e o emissário retorna dizendo não haver encontrado o destinatário e que a capital fora abandonada pelos governistas.

O uso de Aviação pelos revolucionários

Os revolucionários usaram aviação, sobrevoando as tropas legais em frágeis aeronaves colhendo informações. E entre eles o tenente Eduardo Gomes, atual Patrono da FAB, Antônio Reinaldo Gonçalves da Força Pública e a aviadora Anésia Pinheiro Machado.



(Da esq. para à direita): marechal-do-ar Eduardo Gomes, que em 1924, foi 1º tenente observador aéreo da Aviação do Exército e a aviadora Anésia Pinheiro Machado.

Os revolucionários usam batalhões mercenários de imigrantes estrangeiros

Os revolucionários utilizaram batalhões mercenários estrangeiros. Um alemão, um húngaro e um italiano. Batalhões que não revelaram grande utilidade operacional.

A morte em ação do Capitão Joaquim Távora



Em 14 de julho, morreu o capitão Joaquim Távora ao atacar, na Liberdade, o 5º Batalhão da Força Pública. Sua perda foi muito lamentada pela Revolução, pelo seu ideal e capacidade.

Dia 23 de julho, a pressão legalista aumentou empregando tanques de guerra e disparando contra os revolucionários cerca de 140 disparos de Artilharia por hora. E o general Isidoro Dias Lopes decidiu abandonar São Paulo.

A partida em trem de cerca de 3.000 revolucionários

Em 27 de julho embarcou em trem da Paulista com cerca de 3.000 revolucionários com destino a Bauru, encarregando o tenente Cabanas da Força Pública de São Paulo a cobrir manobra. Mas não conseguindo adesão da tropa federal em Bauru, e rumou para Botucatú, rumo ao Porto Tibiriçá e Porto Epitácio, por onde os revolucionários atingiram o sertão em Mato Grosso.

As tropas do general João Nepomuceno Costa obrigaram os revolucionários a reatravessar o rio Paraná a se estabeleceram entre Catanduvas e Guaíra, onde organizaram uma posição defensiva na qual resistiram três meses aos ataques governistas.

Atuação do Cel gaúcho João Francisco Pereira de Souza

O coronel da Brigada Militar do Rio Grande do Sul João Francisco Pereira de Souza decidiu enviar ao Rio Grande do Sul para lá insuflar a Revolução de 1924, o capitão Juarez Távora e os tenentes Iran Cunha e Siqueira Campos.

No Rio Grande do Sul, mal havia o general Fernando Setembrino de Carvalho pacificado a Revolução de 1923, o Presidente da República pediu forças ao Governo Gaúcho, o qual enviou um contingente da Brigada Militar para o norte, ao comando do tenente coronel Emílio Lúcio Esteves do Exército.

Estoura no Rio Grande do Sul uma Revolução

Eis que irrompeu no Rio Grande do Sul uma revolução coordenada pelo capitão Juarez Távora, tenentes Siqueira Campos e Iran da Cunha.

Unidades do Exército da região das Missões revoltaram-se e dominaram Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga, São Borja, Itaqui e Uruguaiana. Rebelião liderada pelo capitão Luis Carlos Prestes que revoltou, em São Ângelo, parte do 1º Batalhão Ferroviário e organizou a Coluna Prestes que iria unir-se em São Paulo, a grande Coluna Miguel Costa, dando origem a celebre Coluna Miguel Costa Prestes.



Cel. João Francisco

Grande número de revolucionário gaúchos de 1923 descontentes com o Pacto de Pedras Altas aderiram a Revolução de 1924.

O comandante da 3ª Região Militar, organiza a reação

O comandante da 3ª Região Militar em Porto Alegre, organizou diversos destacamentos para bater os revoltosos gaúchos.

Os tenentes do Exército Nélson e Alcides Gonçalves Etchegoyen revoltaram-se em Santa Maria, em 20 de novembro.

Mas na impossibilidade de dominar Santa Maria, rumaram para Caçapava, travando violento combate em Seival, no qual o governista Osvaldo Aranha foi ferido gravemente com um tiro de fuzil no calcanhar.

O general Zeca Netto aos 75 anos, invadiu o Rio Grande do Sul vindo do Uruguai. Depois de muitas escaramuças foi obrigado a reinternar-se no Uruguai.

O Cerco de Catanduvas

O revolucionário tenente Nélson de Melo¹ encontrando a Estação Telegráfica de Catanduvas vazia, nela estabeleceu seu Posto de Comando e decidiu atacar os legalistas no seu próprio reduto, liderando pessoalmente o combate com notáveis serenidade e bravura.

Ao clarear do dia, iniciou seu ataque. Desagradável surpresa o esperava. Ali não se achava o comandante legal Paes Leme, mas à postos, o 13º Regimento de Infantaria de Ponta Porã, possuindo os legais mais gente do que ele imaginara. Muito durou o combate de 15 de novembro de 1924.

O tenente Nélson de Melo teve grande trabalho para desengajar do combate suas companhias. As metralhadoras legalistas impediam qualquer movimentação. Os revolucionários se recolheram em Belarmino, instalando-se defensivamente.

Os legais atacaram os revolucionários em Belarmino a 27. Atacaram em três frentes, depois de forte preparação da Artilharia e durante três dias. Os legalistas retornaram a Catanduvas. Os revolucionários sustentaram sua situação por três meses, já faltavam suprimentos, caçavam porcos e só comiam milho e mandioca.

O major Miguel Costa procura erguer os ânimos revolucionários, com o seu exemplo



Gen Nélson de Melo

¹O então 1º tenente Nelson de Mello combateu em Catanduvas e quando coronel, em 1945, recebeu a rendição de uma Divisão Alemã em Fornovo durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1962, foi Ministro da Guerra.

O major Miguel Costa procura erguer os ânimos revolucionários, com o seu exemplo. O general Isidoro permitia o abandono da coluna aos doentes e feridos, os mandando para o Paraguai, procurando assim diminuir o consumo de alimentação.

A Artilharia legalista martelava as posições revolucionárias em Catanduvas. Mas era impositivo durar na ação até a chegada da Coluna Prestes do Rio Grande do Sul.

A revolução de 1924 não possuía duas coisas fundamentais: Munição e comida, razão de haver cessado a luta em Catanduvas.

E a resistência revolucionária se transfere para a Serra do Boi Preto ao comando direto do major Miguel Costa. E dali não arredou o pé até a chegada da Coluna Prestes.

As duas colunas fundiram se na Coluna Miguel Costa Prestes

As duas colunas fundiram-se e deram origem a Coluna Miguel Costa Prestes ao comando do major Miguel Costa e tendo como chefe de seu Estado-Maior o capitão Luis Carlos Prestes.

A coluna Miguel Costa Prestes foi formada com integrantes da Coluna Prestes vindo de Rio Grande do Sul e a Coluna Miguel Costa com remanescentes de Catanduvas.



Parte da Coluna Miguel Costa Prestes. Da esquerda para à direita sentados, o 3º é o capitão Luis Carlos Prestes, o 4º, é o major Miguel Costa, o 5º, é o tenente Juarez Távora e o 7º, agachado, é o tenente Siqueira Campos.

E as tropas legalistas apertavam o cerco da Coluna revolucionária sobre o rio Paraná, em seu trecho mais perigoso, correndo entre muralhas de granito. Mesmo assim, a Coluna atravessa o rio organizada e embarca nos portos Mendes e Artaza, com a cavalhada, Artilharia, armas e munições, e desembarcam em Porto Adila, na margem paraguaia.

Depois de percorrerem cerca de 150 km no Paraguai, retornaram ao Brasil a 30 de abril de 1925, em Porto Lindo, sobre o rio Iguatemi, em Mato Grosso. Daí a Coluna segui para Goiás, Minas Gerais, Bahia e Maranhão. E retornou para Minas através do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e de novo Bahia e por fim Minas.

A Coluna Miguel Costa Prestes percorreu 4.000 léguas em 2 anos

A Coluna Miguel Costa Prestes durante mais de 2 anos caminhou mais de 4.000 léguas, percorrendo 13 estados, sem sofrer nenhuma derrota efetiva, e fiel ao objetivo de não depor suas armas enquanto fosse presidente da República Arthur Bernardes.

Encerrou a Coluna sua épica jornada, em 1927, conseguindo segundo Pedro Calmon “ódio de muitos e a admiração de poucos!”.

Esta é, em síntese a Revolução de 1924-1926 com destaque para a atuação épica da Coluna Miguel Costas Prestes. E manipulação histórica de chamar a Coluna Prestes,

A Revolução de 1924 no Rio Grande do Sul na área da 3^a Região Militar

Em 5 de Julho de 1924, dois anos decorridos da Revolução de 5 de Julho de 1922, estourou a Revolução de 1924 em São Paulo sob a liderança do filho de Dom Pedrito, RS, o general Isidoro Dias Lopes, que participara como federalista da invasão de Santa Catarina e Paraná em 1893 e 1894 e que havia comandado uma força no combate de Cerro do Ouro em São Gabriel em 20 de Agosto de 1893, em apoio a Gumercindo Saraiva. Oficial que prestou, segundo o Cel J. B. MAGALHÃES em **Consolidação da República** (BIBLIEX, 1944), lúcida apreciação sobre a Guerra Civil (1893-95) e seus líderes.

O Tenentismo uma versão

Um dos líderes do movimento em São Paulo foi o capitão do Exército Joaquim Távora, inconformado com a capitulação do general Clodoaldo da Fonseca, em 1922. Era a gênese do movimento tenentista contra as oligarquias brasileiras. A Missão Indígena (1919-21) da Escola Militar, criação do rio-grandense general Bento Ribeiro, havia infundido em seus alunos uma formação militar aprimorada, ao lado de uma visão realista dos problemas brasileiros.

A realidade que encontraram na tropa e nas guarnições onde foram prestar serviços era chocante!

Daí seus ideais de purificação de costumes. As motivações da Revolução de 1922 e 1924 foram estudadas por um brasilianista na obra a seguir, que merece ser lida por basear-se em diversas fontes: KEITH, Henry Hunt. **Soldados Salvadores: as revoltas militares brasileiras (1922-24) em perspectiva histórica**(BIBLIEX, 1989).

Revoltaram-se elementos do Exército e da Força Pública. Do Exército, os capitães Joaquim e Juarez Távora, tenentes Filinto Muller, Eduardo Gomes (sobrevivente dos 18 do Forte) e Orlando Ribeiro. Da Força Pública de São Paulo, tenentes João Cabanas e Ari Fonseca Cruz e major Miguel Costa, e outros. Em 14 Julho de 1924, morreu o capitão Joaquim Távora num ataque à unidade da Força Pública Paulista.

O governo recebeu reforços de toda a ordem para a contraofensiva. Os revolucionários, após dominarem por algum tempo a situação, retiraram-se de São Paulo, terminando por estabelecer entre Catanduvas-PR e Guairá-PR uma linha de defesa onde resistiriam três meses

Unidade do Exército envolvidas na Revolução

A Revolução de 1924-25 envolveu diretamente as seguintes unidades da 3^a RM/DE, que se levantaram: o 1º BFv (Santo Ângelo), levantada pelo Cap Eng Luiz Carlos Prestes; o 3º BE (Cachoeira) levantada pelo Cap Eng Fernando Távora; o 2º GAC (Alegrete) foi levantado pelo Ten João Alberto Lins de Barros; O 2º RCI (São Borja) foi levantado pelo Ten Aníbal Benévolo; o 3º RCI (São Luiz Gonzaga) foi levantado pelo Ten João Pedro Gay, e o 5º RCI (Uruguaiana), pelos tenentes Edgar Soares Dutra e Aimberé Cavalcanti, auxiliados pelo Cap Juarez Távora e Ten Siqueira Campos. Os capitães Luis Carlos Prestes e Fernando Távora (sobrinho de Juarez Távora) assumiram o comando das unidades revoltadas mediante falsos telegramas da 3^a RM/DE, ordenando-lhes que assumissem os comandos dos 1º BFv e 3º BE.

A revolução na área da 3^a RM/DE irrompeu no 1º BFv, em Santo Ângelo, sob a liderança do Cap Luis Carlos Prestes, natural de Porto Alegre. Na noite de 28 para 29 de Outubro de 1924, um grupo de civis prendeu em sua casa o comandante do 1º BFv.

Em telegrama falso como se fora do general Eurico Andrade Neves comandante da 3^a RM/3^a DE, era determinado que o Sub Cmt passasse o comando ao Cap Luis Carlos Prestes, o que foi feito, lançando este, a seguir, um proclamação reafirmando ideais liberais. E ele levou parte do Batalhão para a Revolução. Unidade que, como o 2º BE, tivera destacada participação no combate à Guerra Civil 1893-95, como registramos.

A parte que não aderiu à Revolução ficou ao comando do Cap Machado Lopes, que mais tarde comandaria como Cel o 9º BE da F.E.B. na Itália e, a posteriori, o III Exército (atual CMS), no episódio da Legalidade em 1961. O 1º Batalhão Ferroviário, afetado pela Revolução, só foi reorganizado em 15 Jul 1925.

Em 16 Mar 1824, o II/8º RI instalou-se em Passo Fundo. Em 6 Fev 1825, o 5º RAM foi autorizado a ocupar o novo quartel em Santa Maria. Em 12 Out 1825, houve compromisso solene de recrutas na 3^a RM/DE. Para fazer face à Revolução no RS, irrompida em Santo Ângelo, a 3^a RM/DE

mobilizou expressivos efetivos, forçando o Cap Luis Carlos Prestes a marchar para o Norte e operar junção com os revolucionários de São Paulo.

Os revoltosos de Uruguaiana uniram-se aos de Alegrete e com apoio de um canhão atacaram os governistas e foram repelidos. E buscaram abrigo no corte do Inhanduí! Os restantes revoltosos de Uruguaiana, reforçados por gente de Honório Lemos, formaram uma coluna. Uma primeira coluna com cerca de 800 homens de Honório Lemos e 200 do 5º RCI (Uruguaiana) e sob a liderança de Juarez Távora, atuaram sobre Alegrete. A 2ª coluna, com maioria de revolucionários civis, atuou sobre Itaqui ao comando de Siqueira Campos.

O general Firmino Borba, comandante da 2ª DC, futuro comandante interino da 3ª RM/DE (31 Mai a 3 Out 1927), reagiu em Alegrete com remanescentes do 2º GAC e com o 2º Corpo Auxiliar da Brigada Militar. Repeliu de Alegrete a coluna Honório Lemos-Juarez Távora. Foi reforçado por tropas da 3ª RM/DE, ao comando do Cel Estevão Taurino de Resende, com elementos do 9º RCI (Jaguarão), 13º RCI (Rio Pardo), uma Bia Art e um destacamento da Brigada Militar, composto do 1º RC, 2º Corpo Auxiliar e Corpo de Patriotas, tudo ao comando do Cel BM Claudino Nunes Pereira.

E os dois destacamentos cerraram sobre Uruguaiana. O do Cel Resende, por rodovia, e o do Cel Claudino, por ferrovia, tendo na vanguarda o Dr. Flores da Cunha, deputado federal recém chegado ao Rio Grande e veterano de 1923. Flores da Cunha surpreendeu a coluna Juarez Távora - Honório Lemos em 9 Nov 1924, em Guaçu-Boi, e a desorganizou, fazendo-a refluir para Uruguaiana e Quaraí, onde a mesma se reorganizou em 12 Nov com 800 homens. João Alberto dirigiu-se para Uruguaiana.

Em 12 de novembro de 1924, Juarez Távora e Honório Lemos atacaram a Coudelaria de Saicã e a submeteram a cerco. Chefiava-a o Cap Pires Coelho. Socorro enviado de Rosário pela Brigada Militar foi batido. Em 14 de novembro, a Coudelaria, com seus recursos, caiu em mãos revolucionárias. Prossegui Prestes em seu avanço para Cacequi e, em 16 de novembro, neste local, cortaram-se as comunicações telegráficas com a fronteira e com a região central do Estado.

Em seu percurso apoderaram-se os revolucionários de grande número de cavalos do Posto de Remonta em São Simão. Pressionados, marcharam na direção de São Gabriel, detendo-se em 17 de novembro no banhado Inhatium. Em 20 de novembro, no Serro da Conceição, obtiveram vitória sobre forças enviadas em seu encalço de Livramento, tendo antes cortado a ferrovia, próximo da Estação Santa Rita. Depois elas tomaram o rumo da Serra do Caverá. Juarez Távora, com parte da coluna, desligou-se da coluna de Honório Lemos e penetrou no Uruguai por Quaraí.

Honório Lemos rumou com sua coluna civil para Rosário. Operou como guerrilheiro até dezembro de 1924, fixando alguns efetivos deslocados para persegui-lo. As zonas de sua guerrilhas foram as regiões

Centro Sul e Centro Oeste do Rio Grande. A pressão governista obrigou-o a emigrar para o Uruguai.

Uma coluna de Uruguiana partiu sobre Itaqui, ao comando do Ten Siqueira Campos. Osvaldo Aranha assumiu o comando da defesa da cidade com o 1º GAC, um Corpo Auxiliar da Brigada Militar, e com reforços de Santiago. Siqueira Campos foi reforçado por tropa enviada por Luis Carlos Prestes ao comando do Ten Portela, revoltoso do 1º BFv, e contingente de São Borja, ao comando do Ten Aníbal Benévolo, que pereceu em ação tentando destravar uma metralhadora. Resgatamos a sua Fé-de-Ofício no AHEx a pedido do historiador Fernando O'Donnell.

Osvaldo Aranha atacou os tenentes Siqueira Campos e Portela, que ameaçados de envolvimento rumaram em direção à Uruguiana. Sob pressão de Osvaldo Aranha, no norte, e do Cel Claudino Pereira, no corte do Ibicuí, com suas passagens todas tomadas, os revolucionários dispersaram-se e lançaram-se no rio Uruguai, buscando proteção na ilha argentina de Japeju, onde foram acolhidos e desarmados.

Em 9 de novembro de 1924, dia da vitória governista em Guaçú-Boi, o 3º BE de Cachoeira aderiu à revolução ao comando do Cap Fernando Távora, usando o ardil de um falso telegrama para que o comando lhe fosse passado. Rumou ele em direção ao histórico Passo de São Lourenço. E, em sua perseguição, coluna do Cel Eng José Armando R. de Paula do 3º BE, com uma tropa da Brigada Militar vinda de Santa Maria e um Corpo Auxiliar em organização em Cachoeira.

Em Barro Vermelho, no Rio Pardo, cenário da vitória farrapa em 1838, o Cap Fernando Távora foi batido após duro combate. Retirou-se pela rota Caçapava - Bagé - Aceguá, para o Uruguai. Luis Carlos Prestes dirigiu-se para São Luiz Gonzaga, onde o 3º RCI fora levantado pelo Ten João Pedro Gay, deixando Santo Ângelo ocupada. Esta foi tomada por forças legais vindas de Ijuí e Santa Rosa. Prestes fortificou-se em São Luiz com cerca de 1.200 homens. Em Santo Ângelo uma força legal manteve contato com ele.

Em São Luiz Gonzaga, em 18 de novembro de 1924, era o seguinte dispositivo dos revolucionários liderados por Prestes: Na direção de Santiago, região da ponte sobre o rio Piratini, 800 homens dos 2º RCI (São Borja) e 1º BFv (Santo Ângelo); Na costa do rio Piratini, em ambas as margens, 1.500 homens (3º RCI - São Luiz e revolucionários civis); Na direção de Ijuí, 500 homens, ocupando passagens do rio Ijuí e o passo do Guerreiro, e na direção de Cruz Alta, 200 homens nas passagens do Ijuizinho, na estrada do Cadeado, e vigiando a direção de Cruz Alta. Em dezembro de 1924 o Cap Zubaran ocupou Santiago com 300 homens.

Prestes decidiu investir contra Tupanciretã, concentração governista ao comando do Cel Francelino de Vasconcelos, com os seguintes elementos: 7º BC (Porto Alegre), 10º RI (Porto Alegre) e unidades da

Brigada Militar. O Cel Francelino, atacado, repeliu os revolucionários que retraíram para São Luiz, com força constituída por elementos do 3º RCI (São Luiz), do 2º RCI (São Borja) e corpos revolucionários de São Borja e São Luiz.

De retorno a São Luiz, Prestes foi convocado pelo general Isidoro Dias Lopes, comandante-em-chefe das forças revolucionárias, para marchar para o norte e unir-se à Divisão de São Paulo para a conquista dos objetivos revolucionários. E ele decidiu partir para o Norte. As demais colunas haviam sido batidas e ele estava na emergência de ser batido totalmente pelas forças da 3ª RM/DE, refeitas da surpresa inicial.

Forças da 3ª RM/DE apertaram o cerco dos revolucionários em São Luiz Gonzaga, com destacamentos convergindo sobre São Luiz, nos eixos: Cruz Alta - Santo Ângelo; Tupanciretã - São Luiz; Santiago - São Luiz e São Borja - São Luiz.

A 27 de dezembro de 1924, os revolucionários da Divisão do Rio Grande do Sul iniciaram a grande marcha na direção Norte, com cerca de 1.500 homens assim distribuídos: 1º Destacamento: ao comando do Ten Portela Fagundes (com elementos do 1º BFv (Santo Ângelo) e civis; 2º Destacamento: ao comando do Ten João Alberto com elementos do 2º RCI (São Borja) e civis; e 3º Destacamento: ao comando do Ten Siqueira Campos com elementos do 3º RCI (São Luiz Gonzaga). Em 1º de janeiro de 1925, a Divisão do RS atravessou o Ijuí, fortemente guardado.

O destacamento Siqueira Campos conseguiu abrir uma brecha pela qual passou toda a Divisão com a retaguarda coberta pelo Ten João Alberto. Em 3 de janeiro de 1925, o destacamento João Alberto enfrentou durante um dia de combate, na região de Ramada, o destacamento governista do Cel Emílio Lúcio Esteves, filho de Taquara e futuro comandante da 3ª RM/DE de 1936 a 1937.

A divisão do Rio Grande do Sul conseguiu passar e infletir sobre Campos Novos-RS, a qual atingiu em 5 de janeiro de 1925. Ela conseguiu ultrapassar lutando! Em 7 de janeiro de 1925, ela penetrou na Colônia Militar do Alto Uruguai. Daí, com grandes sacrifícios, atingiu a foz do rio das Antas no rio Uruguai. Morreu em ação na travessia do rio Turvo o Ten Portela, que fora o intendente do 1º BFv, dando origem ao nome do município de Município Tenente Portela.

Na travessia dos rios Turvo, Guarita e Antas, a divisão do Rio Grande do Sul teve de abandonar os cavalos, o que provocou deserções de cerca de 200 homens. Finalmente, atingiu Barracão-SC. Neste local, abandonaram a coluna elementos do 3º RCI (São Luiz Gonzaga) sob a liderança do Ten João Pedro Gay, descendente do padre do mesmo nome, que testemunhou e escreveu sobre a invasão de São Borja, em 1865.

A divisão do Rio Grande do Sul ficou reduzida a 800 homens, dos quais 500 armados, dispondo de 10 fuzis-metralhadoras e cerca de 10.000

projetis. A esta altura, a Revolução deixara a área da 3^a RM/DE. Prestes, ao atravessar o Alto Uruguai, teve em seu encalço o Destacamento Claudino Nunes pela margem do Peperi-Guaçu.

Em Maria Preta, um Destacamento revolucionário comandado pelo Ten Osvaldo Cordeiro de Farias ofereceu vigorosa resistência. Este oficial era filho de Jaguarão. Mais tarde, foi interventor federal do Rio Grande do Sul, 1938-42, e comandaria a Artilharia Divisionária da F.E.B. na Itália. E, então forças do RS, área da 3^a RM, perseguiram a Coluna Prestes fora de sua área de jurisdição. No Paraná, o Gen Isidoro Dias Lopes, julgando nada mais se poder fazer no campo militar, asilou-se.

Assim, o comando das colunas de São Paulo e a do Rio Grande do Sul foi para Miguel Costa. Coluna que passou à História como Coluna Miguel Costa Prestes. Este último, o nome de seu chefe de Estado-Maior, o Cap Eng Luís Carlos Prestes.

Em 16 de fevereiro de 1925, o comandante da 3^a RM/DE, Gen Eurico de Andrade Neves, convidou através de emissário o Gen Isidoro para um encontro com o deputado Dr. João Simplício, em local que julgasse conveniente, com vistas a uma possível pacificação. Isidoro acedeu prontamente, e teve lugar o encontro em Posadas, Argentina, em 2 de março de 1925, dela participando o deputado Batista Luzardo, revolucionário de 1923.

O Dr. Simplício havia se entendido previamente com os presidentes do Brasil e do Estado e com o Gen Eurico. Em 4 de março de 1925, o Gen Isidoro e o Dr. Assis Brasil conferenciaram a respeito. Destas negociações participou o Dr. Flores da Cunha.

E como resultado, em 6 de março de 1925, foram armadas por Isidoro e Simplício as bases para uma pacificação, em presença do Dr. Batista Luzardo. Isto é o que se pode concluir da excelente obra de um ilustre filho do Rio Grande do Sul, que detalhou as operações militares desta revolução em: **FALCÃO, Oscar de Barros, Mal. A Revolução de 5 de julho de 1924: Operações Militares.** (Imprensa do Exército, 1926). Obra que contém a seguinte dedicatória:

"A memória de todos que tombaram, no cumprimento do dever ou na conquista do ideal, a reverenda do autor."

Isidoro Dias Lopes, pedritense, filho de um padre e que adotou o nome da família que o criou, foi estudado por: SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande.** (Sulina, 1968), v. 1, p. 261-163. Estuda Isidoro igualmente o seguinte autor: LOPES, José Antônio Dias. **Isidoro: um século de seu nascimento.** (Globo, 1965). Isidoro formou-se pela Escola Militar de Porto Alegre. Era artilheiro, mas comandou o 1º RC (atual



Cap Luís Carlos Prestes

Dragões de Brasília). Comandou a 2^a RM (São Paulo). O marechal Mascarenhas de Moraes tinha grande admiração por sua figura.

E o que realizou a Coluna Miguel Costa Prestes assim sintetizou a **História do Exército Brasileiro**: A coluna durante 2 anos percorreu 4.000 léguas, atuou em 13 estados. Foi combatida por todos os tipos de adversários: forças regulares, milícias estaduais, jagunços, assaltantes e cangaceiros... visando seu objetivo político de não depor armas durante o governo de Arthur Bernardes, a coluna adotou o sistema de guerrilhas de significativos resultados, causando preocupações infundadas e tonteiras às forças encarregadas de combatê-la. Só tomou a decisão de internar-se quando o presidente Washington Luiz tomou posse. Ela teve na sua cúpula dois oficiais do Exército nascidos na área da 3^a RM: Luis Carlos Prestes (Porto Alegre) e Cordeiro de Farias (Jaguarão).



Ten Cordeiro de Farias

A tática vigente foi a da guerra à gaúcha, desenvolvida na área do Rio Grande do Sul desde a luta contra os espanhóis 1767-76, onde se destacou Rafael Pinto Bandeira, como pudemos concluir da análise do livro já citado de Fernando O'Donnell.

A Coluna Prestes encerrou sua luta em 3 de fevereiro de 1927, ao internar-se na Bolívia, e Siqueira Campos, herói dos 18 do Forte, internou-se no Paraguai. Na Revolução de 1924-25 destacaram-se no campo militar os jovens Osvaldo Aranha e Flores da Cunha, pelo lado governista.

Do lado revolucionário, Luis Carlos Prestes, Siqueira Campos, Osvaldo Cordeiro de Farias e João Alberto. Em 1930, eles estarão juntos para colocarem abaixo a República Velha com a Revolução de 1930. Foi a repressão violenta para com os revolucionários do Exército em 1922 que determinou a Revolução de 1924. Os revolucionários esperavam ser sentenciados de acordo com o artigo 107 do Código Penal, mais brando, e o foram pelo artigo 111, segundo Juarez Távora: Os oficiais envolvidos em 1922, mantiveram-se afastados pela política, confiantes no veredito imparcial da justiça. Mas o desfecho do processo foi perverso.



Ten João Alberto

O Poder Judiciário esquecera o seu dever sagrado e com isso emulava os outros poderes políticos. A decisão judicial de submeter o julgamento dos oficiais acusados aos rigores do artigo 111 do Código Penal deveu-se à pressão exercida pelo presidente Arthur Bernardes.

Exemplo eloquente desta repressão foi a prisão do Ten Odylio Denys, expoente do profissionalismo militar, na Ilha Grande, onde adoeceu grave, recuperando a saúde em Sanatório Militar em Itatiaia. O Ten Edmundo Macedo Soares de lá conseguiu evadir-se. Foi para a Europa, onde estudou por sua conta o assunto siderurgia. Nos anos 40, ele seria o construtor da

Usina Siderúrgica de Volta Redonda, a mãe da industrialização brasileira. E casos de violência contra expoentes jovens do Exército se repetiram.

A REVOLTA NA AMAZÔNIA

Em Manaus, serviam militares com espírito revolucionário no 27ºBC e na Flotilha do Amazonas. E entre eles, o 1º Ten Joaquim de Magalhães Cardoso Barata², que no Natal de 1923 recebera a missão de viajar ao Paraná e lá prender o Ministro da Guerra, General Fernando Setembrino de Carvalho, o Pacificador do Século XX, que criara o Dia do Soldado em 25 de Agosto, Aniversário do Duque de Caxias, o Pacificador do Século XIX.

Prisão que seria o sinal da eclosão da Revolta de 1924. O seu plano foi descoberto e ele foi enviado de volta ao 27º BC em Manaus. E também foi remetido para Manaus o 1º tenente da Armada José Becker Ajamor depois de processado e preso por um atentado contra o Presidente Epitácio Pessoa.

Na noite de 23 de julho de 1924, oficiais do 27º BC com seu comandante decidiram prender os integrantes da Polícia Militar do Amazonas, o comandante da Flotilha do Amazonas e o Capitão dos Portos.

A seguir, o 27ºBC tomou os quartéis da Polícia Militar e conquistou o Palácio Rio Negro do Governo do Amazonas. E os revoltosos assumem o controle de Manaus e comunicam a população haver entendimento entre as tropas do Exército e Marinha em Manaus. A conquista de Manaus recebeu o apoio de sua população.

As forças rebeldes avançam sobre o Pará com quatro pequenos navios e mais o navio **Bahia** de Lloyd Brasileiro. Seguiram para Óbidos e ocuparam a Fortaleza e seu comandante rendeu-se e aderiu a Revolta. Em Santarém prenderam o intendente e se apoderaram da estação telegráfica.

Em Belém, tropa do 26º BC se recusa a embarcar para Óbidos, conforme ordens superiores e seu comandante é preso pelos revolucionários. E o capitão Augusto Assis Valente assume o comando da Revolta. Grupos armados do 26º BC levantam barricadas e trincheiras na praça Justo Chermont e prendem guardas civis e policiais que por ali passam. Disparos em todas as direções alarmam a cidade e os revoltosos atacam a sede do TG564. Os revolucionários recebem novas adesões.



Ten Joaquim de Magalhães C. Barata

²1º Tenente Joaquim de Magalhães Cardoso Barata (1888-1959), revolucionário de 1924, em Manaus. Foi governador do Pará e também senador.

Reorganizados os revoltosos ao comando do Cap Eng Assis de Vasconcellos, este determinou uma carga de baioneta na esquina das ruas São Jerônimo e 29 de Agosto. E houve um combate com tiroteio cerrado, no qual houve mortos e feridos, inclusive foi atingido na coxa direita, o líder revoltoso capitão Eng Assis Vasconcellos. E avançando, foi novamente atingido, agora por um tiro no peito. Dali foi evacuado para um hospital, onde veio a falecer. Com sua morte, assumiu o comando dos revoltosos do 26º BC o tenente Juventino Bezerra.

As forças legais simulam uma retirada. Os revoltosos se apoderam da sede do Tiro de Guerra **Cap Eng Assis Vasconcelos** 564. Os revolucionários atingidos por forte tiroteio se dispersam e logo se reúnem e parte abandona a luta.

O Cmt da 8ª RM se dirigiu ao Palácio Rio Negro com 11 oficiais e 19 praças para organizar com o governador a defesa legal.

O comandante dos Bombeiros foi encarregado de guarnecer o Q.G.

A canhoneira **Amapá** ficou de prontidão para evitar que navios revoltosos aportassem em Belém. A reação legal consegue reunir expressivo contingente. Na manhã de 27 de julho de 1924, legais e revoltosos se enfrentaram na Avenida Nazaré.

Os revoltosos com o objetivo de tomar o Q.G. na praça Saldanha Marin, e contando com 350 civis, ao atingirem a Praça da República, são desbaratados por forte fogo de fuzis e metralhadoras Nordenfelt.

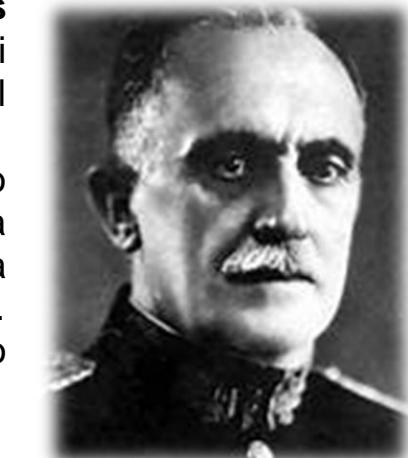
E parte desce com o objetivo de alcançar o Q.G. da 8ª RM e Palácio do Governo. No Q.G. os legais estavam organizados, apoiados em 4 metralhadoras Nordenfelt.

E tem início a derrota dos revolucionários. Os primeiros revoltosos são presos. O governo censura à imprensa, e decide que ninguém poderia deixar Belém sem salvo conduta e decreta feriado nos dias 28 e 29 de julho.

IPM é aberto e 202 militares revoltosos e muito civis são recolhidos presos nos paquetes **Itajubá** e **Rodrigues Alves** sob a responsabilidade do Exército. A regressão foi violenta, e consumiu 18.000 cartuchos de fuzil Mauser.

O General João de Deus Menna Barreto assumiu o comando da 8ªRM e decidiu excluir da Ativa os revolucionários, após concluir não convir a permanência dos revoltosos nas fileiras do Exército.

E determina uma Força Tarefa subir o rio Amazonas em perseguição dos revoltosos.



Gen João de Deus Menna Barreto

O navio **Teffé**, de posse dos revolucionários foi atacado pelo cruzador **Barroso**, conseguindo escapar, mas acabou preso no dia 22 de agosto.

Próximo a ilha das Marrecas o navio **Sergipe** avistou o vapor mercante **Jary** de posse de 100 revolucionários. O **Jary** disparou contra o **Sergipe** que revidou e colocou a pique o **Jary**, matando metade dos revoltosos, a outra metade foi presa em Santarém em 25 de agosto. Próximo a Óbidos, os legais prenderam revolucionários bem supridos de munições e alimentação.

No dia 26 de agosto de 1924, os revolucionários pedem a cessação das hostilidades e se dispõem a uma rendição incondicional. E no dia seguinte os legais ocupam Óbidos. Por ordem do General Mena Barreto são nomeados novos comandantes para o Forte de Óbidos e para 4º Grupo de Artilharia de Costa.

E tem fim a Revolução de 1924 na Amazônia. E os revolucionários seriam anistiados em 1930.

No combate a Revolução de 1924 se destacaram os seguintes oficiais do Exército:

General Setembrino de Carvalho como Ministro da Guerra, general Cândido Mariano Rondon, como comandante das tropas legais que combateram a Revolução de 1924 no Paraná, general Abílio Noronha, comandante da 2ª Região Militar em São Paulo, general João Nepomuceno Costa, tenente Coronel Emílio Lúcio Esteves, general João de Deus Mena Barreto, no combate a Revolução de 1924 na Amazônia, general Firmino Borba, General Eurico Andrade Neves e coronel Estevão Taurino de Resende.

Do Exército, na Coluna Miguel Costa Prestes se destacaram os seguintes oficiais, Juarez Távora, Siqueira Campos, Osvaldo Cordeiro de Farias, Djalma Soares Dutra, João Alberto Lima de Barros, dentre outros.

Pereceram em combate o capitão Joaquim Távora, em São Paulo, capitão eng Assis de Vasconcelos em Belém, tenentes Aníbal Benévolo de acidente e Portela no Rio Grande do Sul.

Parte destes oficiais retornaram como revolucionários de 1930, dando continuidade ao movimento iniciado em 1912, em Salvador, com o seu bombardeio pelo Forte do Mar.

Revolução de 1922 em que os revoltosos do Forte de Copacabana e da Escola Militar do Realengo se revoltaram com apoio em Cartas Falsas contendo ofensas graves ao marechal Hermes, a oficialidade do Exército e ao presidente Epitácio Pessoa. Cartas que mais tarde provaram serem falsas. Do lado do Governo, o general Fernando Setembrino de Carvalho descreve o que ocorreu, conforme a bordo em meu livro **A Revolta do Contestado (1912-1916) nas Memórias e nos Ensinamentos de seu Pacificador** (acesso PDF no QR Code ao lado).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO. Claudio Moreira. **A Revolta do Contestado (1912-1916) nas Memórias e nos Ensinamentos de seu Pacificador.**(FAHIMTB/IHTGRS,2013). Acesso em <https://bit.ly/48OHeT3>.
- _____. As revoluções de 1922,1924-1926. **História da 3ª Região Militar 1889-1953.** Volume II (Comunicação Gráfica Editora, 2014). pp.201-239. Acesso em <https://bit.ly/41VyVm1>.
- _____. et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. A Revolução de 1924-1926, a Coluna Miguel Costa-Prestes. **Brasil Lutas Internas (1500-1916): Em defesa de sua unidade e integridade.** (FAHIMTB, 2016). Acesso em <https://bit.ly/3vwZylm>.
- _____. Recordando a vida e obra do Marechal Cândido Mariano Rondon o Patrono da Arma de Comunicações no sesquicentenário de seu aniversário em 15 maio 2015.Acesso em <https://bit.ly/47tSXW3>.
- _____. Marechal Cândido Mariano Rondon na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, V. 59, 2001. Acesso em <https://bit.ly/3TSJ7da>
- _____. **Coronel da Brigada Militar João Francisco Pereira de Souza (1865-1953)** In1924: Imigrantes Europeus Veteranos da I Guerra na Revolução Paulista. O Tuiuti. Órgão de divulgação das atividades da AHIMTB/RS. N.º 71. 2013. Acesso em <https://bit.ly/3NZuLDY>.
- _____. **Amazônia Brasileira: Conquista, Consolidação, Manutenção. História Militar Terrestre da Amazônia(1616-2017).** Gráfica Drummond, 2017.Acesso em <https://bit.ly/3rsy2jl>.
- CASALI, Cláudio Tavares. **As batalhas da Revolta de 1924 no Paraná e no Pará;** Rio de Janeiro,1925. Desenvolve em detalhes as operações militares a Revolta de 1924. Acesso em <https://bit.ly/3O0lxrE>.
- CIDADE, Francisco de Paula. **Memórias.** Disponível no Arquivo Histórico do Exército. Ele combateu a Revolução de 1924 em São Paulo capital e deixou preciosas observações.
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. A Revolução de 1924. **História do Exército Brasileiro: Perfil militar de um povo.** V.3. pp. 905-919.
- FALCÃO, Oscar de Barros. **A Revolução de 5 de Julho de 1924: Operações Militares.** Rio de Janeiro. Imprensa do Exército,1926.
- KEITH, Henry Hunt. **Soldados Salvadores: as revoltas militares brasileiras 1922-24, em perspectiva histórica.** BIBLIEx, 1989.
- LOPES, José Antônio Dias. **Isidoro:um século de seu nascimento.** Globo,1965. Trata-se da biografia do general Isidoro Dias Lopes.
- RONDON. Cândido Mariano. **Relatório das Forças de Operações no Paraná e Santa Catarina 1925.**Disponível no Arquivo Histórico do Exército
- SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande.** Sulina.1968.
- TÁVORA, Juarez. **Uma vida de muitas lutas: Memórias.** BIBLIEx,1973.
- VIVEIROS, Esther. **Rondon conta a sua vida.** BIBLIEx,2010.

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM SETEMBRO DE 2023



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exercito do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exercito escreveu o artigo **As Guerras Holandesas, da História do Exercito perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, alem de diversos artigos incluive sobre o Espadim de Caxias,arma privativa dos cadetes,Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980 onde crou em sala espacial o Arquivo da FEB. E autor de mais de 150 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site .Publicou : **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, do quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exercito , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exercito, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exercito 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas alé de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviario Sul considerado serviço de natureza nacional relevante. Tendo recebido de seu comandante como prêmio para sua Companhia uma caminhonete Aero Willys por haver sua companhia haver batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Tunel 20 ,então considerdo o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratinense, Resendense e Itatiaiense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba,Petropolis,

Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Valedo Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembléias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaiense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exercito nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagunde e foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano de 2023 complementara 92 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Toda a sua obra historiográfica está disponível em seu site, criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por término de seu contrato por PTTC, criou independentes 5 AHIMTB, até então dependentes da FAHIMTB, com a finalidade de se manteram fiéis ao espirito da FAHIMTB, durante os seus 23 anos de proficua existência.



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cáudio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada

contribuição a História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **Relação de Diplomas, Medalhas, Troféus e etc no apartamento do Cel Bento em Resende-RJ.**

Camila segundo o Cel Bento:

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colegio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, a tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como habil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam. E também passou a dominar por completo o uso do Celular.

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tatefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE-POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHIMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seu estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D.Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muita expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Noberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa acessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo

bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”

NOTA IMPORTANTE de Justiça Histórica.

Este livro Digital está muito a dever a sua formatação, ao Ten R2 Jefferson Bajone de Itapetininga SP, Acadêmico correspondente da AHIMTB –RJ Marechal João Batista de Mattos.